



Salve o Solo: 62 milhões de árvores, 4 bilhões de pessoas e a semente do movimento global no Brasil

Save the Soil: 62 million trees, 4 billion people and the seed of a global movement in Brazil

VÉRAS PRADO, Matheus¹; RAMBO MARTINS, Thiago²; PRADO, Carlos Henrique Britto de Assis³

¹ Salve o Solo, matvprado@hotmail.com; ²Salve o Solo, thirambo@hotmail.com; ³Departamento de Botânica, UFSCar, caique@ufscar.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

Eixo Temático: Crise ecológica, e mudanças climáticas: resistências e impactos na agricultura, nas águas e nos bens comuns

Apresentação e Contextualização da experiência

“Solo são - Planta sã - Gente sã”; ecoamos Ana Maria Primavesi. Uma colher de solo tem mais seres vivos do que existem pessoas no planeta. Um quarto de todos os seres vivos do planeta fazem do Solo seu lar. 95% dos alimentos que colhemos são dádivas do Solo. O solo é o filtro por onde percola a água de todo poço no mundo. O Solo é o grande organismo que transforma morte e excremento em vida e nas flores. Falando de maneira objetiva, o solo é o chão que sustenta a Vida humana, e toda vida nesse planeta.

A inferência junto com a experiência demonstra inexoravelmente - basta olhar para as planícies desertificadas no Saara, as plantações perdidas nos solos exauridos dos EUA, e para as lágrimas das famílias desesperadas dos fazendeiros da Índia.

A atenção à saúde do solo é tão ancestral quanto a percepção de que Solo é vida. Em tempos mais recentes, antes mesmo dos dramáticos “Dust Bowls” da década de 1930 no meio-oeste estadunidense, autores como Rudolf Steiner e Sir Albert Howard notaram a perda da vitalidade do Solo e suas consequências. E ambos perceberam a necessidade de mobilizar a sociedade à sua volta para frear a degradação, e restaurar a fertilidade original.

No momento atual existe uma grande oportunidade. Estamos em um novo pico de atenção ao Solo. Como exemplo de declarações com alcance público de larguíssima escala, recentemente Maria-Helena Semedo, Diretora Adjunta da FAO (Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura), afirmou que com o atual ritmo da erosão de solos restam-nos apenas 60 anos de viabilidade de plantio. Independente da polêmica gerada e da precisão dos números, esta afirmativa teve sucesso em direcionar a consciência pública para a base de toda a riqueza: o Solo.



Este pico de atenção pode ser potencializado pelas redes sociais. Provavelmente nunca antes na história da humanidade foi possível alcançar todas as pessoas do mundo com uma mensagem - e neste momento este feito é possível com a internet.

Este trabalho se dedica a apresentar os resultados do Instituto Isha, da Índia, que alcançou 3.9 bilhões de pessoas com a mensagem de salvar o Solo, como parte da iniciativa Planeta Consciente. Já mobilizou pessoas comuns para plantarem 62 milhões de árvores, e ajudou tecnicamente e socialmente mais de 120 mil fazendeiros a implementarem sistemas agroflorestais, irradiando suas ações de sua sede no estado de Tamil Nadu no Sul da Índia, sob a liderança do líder espiritual chamado Sadhguru.

O movimento “Salve o Solo” ganhou propulsão em 2022, quando Sadhguru completou uma jornada de motocicleta de 30.000 km, de Londres até o sul da Índia. Neste período, nações, ONGs e organizações da sociedade civil, assinaram acordos e criaram movimentos e grupos, e se comprometeram formal e informalmente com a revitalização do Solo. Milhares de pessoas se voluntariaram no mundo inteiro - inclusive nas Américas - e entraram para o corpo de voluntários da Fundação Isha que já era de aproximadamente 3 milhões de pessoas.

O objetivo do “Salve o Solo” é: estimular que todos os governos do mundo garantam de 3-6% de matéria orgânica no Solo através de Leis e sua execução. E para isso conscientizar a população dos 193 países do mundo - mais especificamente, fazer com que 4 bilhões de pessoas (aproximadamente 60% do eleitorado mundial de 5,26 bilhões) tenham seus votos orientados para o Solo.

No Brasil, o movimento “Salve o Solo” goza de um número crescente de voluntários, desde seu início em Janeiro de 2023, e hoje conta 20 voluntários brasileiros em 6 estados, e 3 voluntários dos EUA em tempo integral ou semi-integral.

Desenvolvimento da experiência

Praticamente todos os indivíduos que trabalham pelo Isha são voluntários - são mais de 3 milhões de voluntários globalmente. O centro em Tamil Nadu conta com uma população na maior parte rotativa de 2 mil pessoas e voluntários em tempo integral que vivem no “ashram” (templo e suas dependências) e dedicam suas vidas às obras da Instituição. Este ashram, e campos agrícolas associados, foram o centro da propagação cultural (técnica e social) das ações do movimento Planeta Consciente que resultaram nos sucessos agroecológicos supracitados.

O principal método dessa propagação cultural é o contato direto com agricultores, intermediada pela espiritualidade ancestral da região. Aplica-se um sistema similar ao “camponês a camponês”, em que os agricultores de um território visitam conjuntamente as unidades agrícolas referência em manejo ecológico, trocam



experiências e decidem pela direção que precisam tomar. Técnicos voluntários auxiliam-nos a alcançar esses objetivos, guiados pelos princípios da agricultura de base ecológica.

O segundo maior centro do mundo fica nos EUA na cidade de Nashville, Tennessee. Lá também habitam cerca de 100 pessoas, com um núcleo de voluntários dedicados em tempo integral e a longo prazo à instituição. O principal método de propagação do centro dos EUA é através das redes sociais e contato remoto com voluntários. Voluntários mais centrais nos EUA são coordenadores gerais, e estes facilitam o trabalho de coordenadores locais nos países da América. Os coordenadores locais, por sua vez, facilitam o trabalho de voluntários espalhados por seu respectivo país.

O escopo principal de atuação de um voluntário nas Américas consiste em conscientizar o público sobre: o problema atual (degradação do solo); a solução à nível social (criar uma massa crítica de eleitores que garantam a saúde do solo através do voto e da voz ativa); e sobre a importância de todos levantarem a voz nesse momento histórico, para que as medidas necessárias sejam implementadas. Esse método é auto-propagante.

As ações dos voluntários variam conforme suas condições. O tipo mais comum de atuação é a de se pôr em um local público com um cartaz e falar com interessado sobre o Solo. Alguns coordenam ações de maior escala - como em Bom Jesus-ES, onde crianças da rede pública de ensino da cidade desenvolveram cartazes para a conscientização ambiental. Outros, como em São Paulo-SP, podem ativar contatos de vizinhança para falar do movimento durante apresentações no instituto artístico do bairro. Uma professora em São Paulo-SP trabalha regularmente com seus alunos na horta que desenvolveram na escola, e aborda conteúdos sobre a saúde do solo em suas aulas. Além disso, as redes sociais também são um campo importante de atuação, através do engajamento com influenciadores e formadores de opinião.

Alguns dos voluntários também têm atuações técnicas de pequena escala. Um experimento incomum é o da cidade de São Carlos-SP: uma agrofloresta urbana de 250 m², com 72 tecas, 15 espécies plantadas, baixo nível de manutenção (aprox. 1h30 de trabalho por dia), auto-suficiente em eletricidade (painéis solares), autossuficiente em água (cisterna e bomba), praticamente sem custo monetário (isenção de IPTU, vendas de produtos cobrem custos das mudas, etc). Este experimento também tem alcance social considerável, envolvendo o trabalho de um professor titular universitário, alunos universitários, uma família, duas lojas de comida orgânica, 3 moradores de sociedades auto-sustentáveis e um restaurante vegano.



Desafios

Nas palavras de Sadhguru, logo antes de um mutirão de plantio de árvores no rio Cauvery, na Índia: “hoje nós vamos plantar essas árvores no chão, mas estamos plantando árvores na cabeça das pessoas faz seis anos – e acredite em mim, esse é o relevo mais difícil”.

Necessita-se de muita educação, consciência e intenção de longo-prazo para haver um movimento social grande o suficiente para plantar 62 milhões de árvores. Por exemplo, as perguntas “o que tem a ver o rio ficar cheio com plantar árvores?” e “porque eu não posso cortar mais árvores para plantar? A terra lá é boa e a aqui é ruim” - estas perguntas precisam estar claramente respondidas.

Por mais sórdido que possa soar, o enorme desespero de centenas de milhares de fazendeiros à beira da falência, mais de 5 mil suicídios de fazendeiros no últimos 20 anos, e situação de desastre hiperbólico da cidade de Chennai, com 12 milhões de habitantes e com um PIB anual de mais de 80 bilhões de dólares ficar sem água na torneira - estas catástrofes foram instrumentais para que a população se engajasse em mudança rápida.

Inspirar políticos, associações, agricultores, e a população geral a se posicionar e se movimentar demanda uma dedicação irrefreável de inúmeras pessoas. Conquistar essa dedicação é o maior desafio, e a maior benesse. Quem age segundo aquilo que mais valoriza não pode ser parado, mesmo quando as condições são desfavoráveis. O espírito do voluntariado na Fundação Isha é focar no processo, e não no resultado. O estado mental e emocional que temos ao realizar uma ação é tão importante quanto a própria ação realizada. Só com essa consciência é possível agir na sociedade sem gerar divisão, de forma toda inclusiva. Alcançar esse estado pode ser um desafio, mas é o maior privilégio e oportunidade de uma vida.

Foi preciso a demonstração de muitos exemplos concretos, a mobilização da população através de muitos eventos, palestras, congressos, e mobilização do capital humano imenso de voluntários e seguidores com o qual a Fundação Isha conta. Também foi necessário contato e o apoio direto de políticos locais, tanto rurais quanto urbanos.

Principais resultados alcançados

A iniciativa Planeta Consciente tem obtido resultados impressionantes em sua missão de promover a agroecologia e a revitalização do solo. Na Índia, ao longo de 12 anos, em algumas regiões houve aumento da matéria orgânica no solo de 0,5% para 3,6%. Essa melhoria da qualidade do solo proporcionou benefícios tangíveis, como a diminuição em até 80% da severidade das perdas de cultivos devido a fatores meteorológicos adversos.



Além disso, alguns agricultores envolvidos no movimento experimentaram uma redução de 50% nos custos de manutenção das plantações. Isso foi possível devido à adoção de práticas que valorizam o uso de insumos disponíveis localmente e o manejo ecológico do solo.

Muitos agricultores tiveram um aumento de 100% da sua renda em 10 anos, entre outros fatores por conta do estímulo ao encurtamento das cadeias de comercialização, e ao associativismo. Além disso, houve um resgate e celebração da cultura local por meio do cultivo e valorização de grãos, ervas e árvores nativas e do resgate de raças autóctones do animal sagrado - a vaca.

Talvez o impacto mais surpreendente tenha sido o restabelecimento da vazão próxima da normal do rio Cauvery devido à recuperação dos ecossistemas naturais e ao manejo adequado do solo. Esse resultado ajudou a reverter uma situação de escassez hídrica que afetava uma das regiões mais povoadas da Índia.

A nível global, mais de 80 nações se comprometeram em gerar políticas públicas para a revitalização dos solos, e diversas agências da Organização das Nações Unidas declararam parceria ao movimento Salve o Solo. Nas Américas, 6 nações caribenhas assinaram Memorandos de Entendimento, definindo metas e ações a serem tomadas. Cerca de 3 milhões de crianças em 63 países escreveram cartas aos seus líderes nacionais, pedindo-lhes que tomassem medidas para a regeneração do solo.

No Brasil, essa semente segue germinando e espalhando suas primeiras folhas. Os voluntários, além de promoverem atividades locais, estão trabalhando para aumentar o engajamento através das redes sociais, e planejam realizar eventos de maior escala.

Disseminação da experiência

As atividades que realizamos em nosso núcleo brasileiro são sistematizadas e podem ser compartilhadas com voluntários de todo o mundo, servindo de modelo e inspiração. Também atuamos com outros agentes ambientais e agroecológicos, como a ONG REDI (Restauração e Ecodesenvolvimento da Bacia Hidrográfica do Rio Itabapoana), em ações de conscientização, mutirões e rodas de conversa.